



Vestígios da trajetória de Edith Stein rumo ao Carmelo

Footprints of Edith Stein's trajectory towards the Carmel

RENATO KIRCHNER ^a

Resumo

Edith Theresa Hedwig Stein nasceu em Breslávia, Polônia, em 1891, e morreu como mártir no Campo de Concentração de Auschwitz, em 9 de agosto de 1942. Foi canonizada como Santa Teresa Benedita da Cruz, tendo sido santa, filósofa e teóloga alemã nascida judia que se converteu à Igreja Católica. Entender a relação entre filosofia e tradição cristã em Edith Stein só é possível tendo em vista sua trajetória de formação humana, cultural, cívica e religiosa de matizações diversas. Sendo assim, é possível compreender que sua trajetória espiritual está intimamente ligada às posições filosóficas e, sobretudo, a profundas experiências intelectuais e religiosas. Neste sentido, conforme enunciado no título, assumimos aqui a tarefa, na medida do possível, de encontrar e evidenciar alguns vestígios da trajetória de Edith Stein rumo ao Carmelo. Santa Teresa Benedita da Cruz foi canonizada, em 1998, por João Paulo II, que a chamou “Ilustre filha de Israel”. Em Audiência Geral de 8 de agosto de 2018, o Papa Francisco recordou a santa como “mulher de diálogo e de esperança”.

Palavras-chave: Fenomenologia. Mística. Espiritualidade. Mulher. Edith Stein.

Abstract

Edith Theresa Hedwig Stein was born in Wroclaw, Poland, in 1891, and died as a martyr in the Auschwitz Concentration Camp, on August 9, 1942. She was canonized as Saint Teresa Benedict of the Cross, having been a saint, philosopher and German theologian

^a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Filosofia, e-mail: renatokirchner00@gmail.com

born Jewish who converted to the Catholic Church. Understanding the relationship between philosophy and Christian tradition in Edith Stein is only possible in view of his trajectory of human, cultural, civic and religious formation of different nuances. Thus, it is possible to understand that his spiritual trajectory is linked to his philosophical positions and, above all, to profound intellectual and religious experiences. In this sense, as stated in the title, here we assume the task, as far as possible, of finding and evidencing some vestiges of Edith Stein's trajectory towards Carmelo. Saint Teresa Benedict of the Cross was canonized, in 1998, by John Paul II, who called her "Illustrious daughter of Israel". At a General Audience of 8 August 2018, Pope Francis recalled the saint as a "woman of dialogue and hope". **Keywords:** Phenomenology. Mystic. Spirituality. Woman. Edith Stein.

Introdução

A jornada de Edith Stein rumo ao Carmelo começa em 14 de outubro de 1933, na véspera da festa de Santa Teresa de Jesus. Contudo, quando ela ingressa no Carmelo de Colônia, ela não é alguém inexperiente e, muito menos, que desconhece a espiritualidade carmelita. Toda a sua vida tinha sido uma preparação e um desejo constante em vista disso. O conteúdo central dessa espiritualidade, bem como o caráter simbólico-existencial do Carmelo, fora uma constante na vida espiritual de Edith Stein. Contudo, não como alguém que escolhe uma realidade sem a presença dos outros, mas como quem opta por um elemento essencial capaz de levar todos os demais que estão próximos e distantes consigo.

É sabido que, ao longo de sua vida, Edith Stein enriqueceu-se espiritual e intelectualmente estando em contato com várias tradições e carismas religiosos: o judaísmo, o protestantismo, a espiritualidade inaciana, a beneditina, a dominicana etc. Ela conseguiu encontrar abertura para integrar perfeitamente toda a riqueza que recebeu bebendo das diferentes tradições religiosas, tanto fora como dentro do catolicismo. Talvez pelo fato de o elemento essencial do Carmelo referir-se à experiência religiosa mais genuína e porque sua missão consiste precisamente em resgatar esse elemento bíblico e evangélico do Carmelo do encontro pessoal com Deus.

Edith é uma mulher aberta à experiência de Deus, como fonte do autêntico conhecimento e fundamento do pleno desenvolvimento da pessoa humana (STEIN, 2002; MAHFOUD e MASSINI, 2013). Nela convergem a filósofa

e a humanista, a pedagoga e a mística, a feminista e a monja, judeus e cristãos, a ativista socialista e a mártir, a fenomenóloga e a contemplativa. Não há dúvida: um dos grandes méritos e conquistas de sua vida reside na capacidade de integrar tudo, superar todo o dualismo, alcançar uma visão integral do ser humano (ALES BELLO, PERETTI, SBARDELLA, KIRCHNER, 2020, p. 318-320).

Na intenção de dar inicialmente a dimensão do que aqui propomos na presente reflexão, transcrevemos uma passagem importante de Juvenal Savian Filho, na apresentação à autobiografia de Edith Stein:

Diferentemente de outros pensadores modernos que escreveram suas autobiografias (como Rousseau, por exemplo, ou Simone de Beauvoir, entre outros), Edith Stein não redige apenas uma série de registros a título de documentação da memória de sua família e da sua própria. Ela identifica nessas memórias uma trama de sentidos determinados por valores (como a amizade, a justiça, a lealdade, o amor, a fé, a honestidade etc.), pretendendo oferecer aos leitores a possibilidade de também *ver* essa trama e deixar-se influenciar por ela. Dessa perspectiva, a *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos* de Edith Stein aproximam-se mais do estilo antigo que se observa em Agostinho de Hipona, por exemplo, e menos de narrativas centradas no sujeito individual, típicas da Modernidade e da Contemporaneidade. Com efeito, a “autobiografia” de Agostinho (*Confissões*) é a apresentação do itinerário pelo qual o indivíduo Aurélio Agostinho, bem datado no tempo e situado no espaço, chega a universalizar-se, quer dizer, a encarnar, a seu modo, o sentido absoluto que ele encontra e que mostra ter agido desde o início não apenas da narrativa, mas de toda a existência do autor (STEIN, 2018, p. 13-14).

Considerando que a poesia expressa de modo muito genuíno o que se passa no mais íntimo de uma pessoa e corroborando com as ideias aqui apresentadas e pelas quais é possível encontrar e evidenciar alguns vestígios da trajetória de Edith Stein rumo ao Carmelo, traduzimos duas composições poéticas da lavra de Edith Stein nos últimos anos de vida. Assim, a fim de cumprir os propósitos da presente reflexão, esperamos ser possível nos aproximar ainda mais e comungar mais intimamente da mística de Santa Teresa Benedita da Cruz, nome pelo qual Edith Stein passou a ser chamada após a canonização no ano de 1998. Os títulos dos dois poemas traduzidos: *A vinha do Carmelo (Karmelweinberg)* e *Aforismas do mês de junho de 1940 (Sentenzen im Monat Juni 1940)*.

Vestígios de Edith Stein rumo ao Carmelo

Edith Stein passará os últimos nove anos de sua vida no Carmelo Teresiano. Ela não chega ali por acaso, ou simplesmente porque a realidade histórica a deixara sem outra opção. Como sabemos, é o último estágio de sua vida que culminará no martírio na câmara de gás de Auschwitz-Birkenau. Os últimos nove anos serão mais que suficientes para marcar seu espírito intimamente harmonizado com o carisma de Santa Teresa de Ávila e de São João da Cruz. Edith entra no Carmelo como uma mulher madura, aos 42 anos, e em pleno crescimento e amadurecimento interior (KIRCHNER, 2014, p. 177-181).

Desde o seu encontro com Teresa de Jesus, no verão de 1921, ela tinha muito claro que, a partir de então, seria o caminho de sua vida. É verdade que, imediatamente após seu batismo em 1 de janeiro de 1922, esses desejos haviam sido frustrados, tanto por motivos pessoais — sua conversão não havia sido bem aceita por sua mãe e, assim, sua entrada no mosteiro significaria uma ruptura com ela — e também por razões eclesiais, considerando que seu confessor na época e os seguintes sempre viam sua presença ativa na Igreja como sendo de grande valor. Mas isso não impediu sua experiência pessoal e sua configuração íntima do caminho que Teresa de Jesus lhe havia indicado. Edith Stein mesma nos relata a respeito em seu relato autobiográfico *Contribuição para a crônica do Carmelo de Colônia (Ein Beitrag zur Chronik des Kölner Karmel)*, com o subtítulo *Como eu cheguei ao Carmelo de Colônia (Wie ich in den Kölner Karmel kam)*, no ano de 1938:

O Carmelo era a minha meta já há doze anos, desde o verão de 1921, quando caí em minhas mãos o livro da *Vida* de nossa Santa Teresa e minha longa procura pela verdadeira fé chegou ao fim. Quando fui batizada no Ano Novo de 1922, já pensei que era a preparação para entrar na ordem carmelita. Alguns meses depois, no entanto, encontrei-me de novo com minha querida mãe, depois de meu batismo, e ficou claro para mim que ela não aguentaria esse novo golpe. Ela não morreria por esse fato, mas seria tomada de uma amargura pela qual eu não queria ser responsável. Deveria aguardar com paciência, como me recomendavam meus conselheiros espirituais. A expectativa foi se tornando penosa para mim. Tornei-me uma estrangeira no mundo. Antes de assumir as funções em Münster, depois do primeiro semestre, solicitei insistentemente permissão para entrar no Carmelo, o que me foi negado por causa da minha mãe e considerando a influência de minha atividade, já havia alguns anos, no

mundo católico. Eu aceitara aquelas ponderações, mas agora os muros do impedimento caíam, e minha atividade chegava ao fim. Além disso, para minha mãe, não era preferível ver-me num convento do que numa escola na América do Sul?” (STEIN, 2018, p. 543-544).

De fato, o encontro com Teresa de Jesus a impactou tão profundamente que, a partir de então, ela tornou-se sua mestra espiritual. Neste sentido, é possível afirmar que seu estilo de vida simples, sua sujeição incondicional à oração, à Eucaristia, sua dinâmica de abandono, por exemplo, são alguns dos elementos que, mesmo externamente, configuraram um estilo de vida com valores muito característicos.

Entretanto, as condições externas que favoreceram a entrada de Edith no Carmelo em 1933 devem-se principalmente à situação política criada com o triunfo de Hitler em janeiro do mesmo ano. Há evidências de que, pelo menos dois anos antes, ela já havia feito uma nova tentativa de entrar no Carmelo. O obstáculo que ela sempre encontrava era o de sua grande preparação intelectual, que, na década de 1930, fizera dela uma mulher bem conhecida e valorizada nas esferas intelectuais católicas da Alemanha.

O triunfo do nazismo e a implementação quase imediata das leis antisemitas impediram que Edith Stein continuasse a realizar uma atividade intelectual pública. Nem mesmo na esfera pública do catolicismo alemão essa atividade teria sido conveniente, principalmente porque a hierarquia estava muito ocupada em conseguir uma concordância do governo nazista e isso aparece claramente nas anotações da própria Stein. De fato, essa concordata acabou sendo a artimanha usada por Hitler para manter a Igreja em silêncio por algum tempo. Quando as denúncias da Igreja institucional chegaram anos depois, já era tarde demais para deter o monstro nazista a se alastrar por todos os lados na Europa.

Contudo, a situação de desamparo institucional não desempenhará nenhum trauma pessoal para Stein. Precisamente nesse momento é que descobrimos a maturidade de sua escolha e sua vida cristã. Numa carta para a amiga Hedwig Conrad-Martius, de 5 de junho de 1933, ela fala de sua situação: “O fato de não ter aulas não é algo para se lamentar. Creio que por trás disso há uma grande e misericordiosa Providência” (STEIN, 2004, p. 22). A partir desse profundo senso de confiança em Deus, podemos entender muito bem

sua entrada no Carmelo. A partir desse momento, a vida de Edith estará firmemente ancorada na entrega absoluta nas mãos de Deus.

Novamente, em seu relato autobiográfico *Contribuição para a crônica do Carmelo de Colônia: I. Como cheguei ao Carmelo de Colônia*, de 18 dezembro de 1938, Edith Stein nos apresenta detalhadamente todo processo interior e exterior que antecede sua entrada no mosteiro. Chama a atenção que Edith não escolhe imediatamente entrar no Carmelo. Examinando a situação histórica e a partir de um profundo senso de fé, ela busca na oração a vontade de Deus, e é nesse contexto que o caminho ao Carmelo se ilumina e dá sentido à sua vocação e que ela quer e precisa fazer algo pelo seu povo. No fundo, é a própria situação histórica que lhe oferece o conteúdo de sua vocação:

Eu falava interiormente com o Salvador e lhe manifestava a minha ciência de que era a sua cruz que o povo judeu começava a carregar. A maioria das pessoas não compreenderia isso, mas quem compreendesse devia aceitar essa cruz de bom grado em nome de todos. Eu queria aceitá-la, mas ele devia mostrar-me como fazê-lo. Quando terminou a oração, tive a convicção íntima de ter sido atendida. Contudo, eu não sabia ainda em que consistia esse carregar a cruz (STEIN, 2018, p. 539; STEIN, 2004, p. 22).

Dá seu desejo sempre presente de entrar no Carmelo adquire um novo sentido e profundamente apostólico, a saber: por sua vida e oração, interceder por seu povo e por toda a humanidade.

Possivelmente descobrimos aqui o essencial da vocação carmelita de Edith: uma maneira de interceder por seu povo! E será através de uma entrega amorosa e confiante a Deus que ela cumprirá sua missão. Alguns anos antes, em 1930, ela escrevera numa carta para Elly Dursy: “A verdade é que não podemos fazer muito, se não nos colocamos nas mãos de Deus e suplicarmos que ele seja quem tudo faz. Naturalmente, temos de fazer o que ele pede de nós” (STEIN, 2004, p. 22).

Em outra carta, esta enviada ao seu amigo e filósofo Roman Ingarden, Edith Stein escreve:

Na exposição de meu caminho talvez eu tenha apresentado de forma muito ruim o elemento intelectual. Nos longos anos do tempo de preparação, seguramente ele exerceu forte influência. Mas cientemente decisivo foi o acontecimento real em mim (por favor, acontecimento real, não sentimento), mão na mão da figura concreta do cristianismo autêntico nos testemunhos eloquentes (Agostinho,

Francisco, Teresa). Mas como irei descrever-lhe com algumas palavras uma imagem daquele “acontecimento real”? É um mundo infinito que se apresenta completamente novo, quando uma vez começou-se a viver para o íntimo em vez de viver para o exterior. Todas as realidades com as quais até então estava às voltas tornaram-se transparentes, e começa-se a farejar forças verdadeiramente sustentadoras e motivadoras. Os conflitos com os quais se estava às voltas antes se tornam totalmente insignificantes (STEIN, 2012, p. 136; cf. ALES BELLO, PERETTI, SBARDELLA, KIRCHNER, 2020, p. 173).

A própria Stein registra seu desejo de encontrar-se com o Santo Padre em Roma para tratar da situação perigosa que estava se armando. Contudo, só havia a expectativa de que ela fosse recebida juntamente com um pequeno grupo e o que não lhe interessava. No texto *Como cheguei ao Carmelo de Colônia* podemos ler:

Assim, desisti de minha viagem e manifestei por escrito minhas preocupações. É de meu conhecimento que minha carta foi entregue selada ao Santo Padre; aliás, pouco tempo depois, recebi sua bênção para mim e meus familiares. Mais nada aconteceu. Com o passar do tempo me perguntei se essa carta não voltou mais de uma vez à memória do Santo Padre. O que eu havia previsto sobre o futuro dos católicos na Alemanha realizou-se detalhadamente nos anos seguintes (STEIN, 2018, p. 540-541)¹.

¹ Para maiores detalhes da carta e de seu paradeiro ao longo dos anos, podemos ler em *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*: “É possível considerar como certo que a carta a Pio XI tenha sido escrita em Beuron. O arquiabade Raphael esteve em Roma de 23 a 28 de abril 1933 e entregou a carta pessoalmente ao Papa. Como o início da edição dos escritos de Edith Stein, a carta foi procurada pelos editores, que receberam a resposta do Núncio Apostólico de Bonn, em 24/05/1962, dizendo que a carta não havia sido encontrada no Vaticano. Seguiram-se posteriormente várias investigações, particularmente a liderada por J. H. Nota, SJ, em Roma, a fim de encontrá-la nos arquivos do Vaticano. Após anos de obstinada busca, a carta foi encontrada. O postulador geral no processo de beatificação da Ordem Carmelita, Simeon Tomás Fernández, OCD, confirmou verbalmente aos editores que, na medida do possível, procuraria ter acesso ao documento. Contudo, ele não foi autorizado a tomar notas sobre o conteúdo ou mesmo comunicar algo a outras pessoas. Após a conclusão do processo, em 26/10/1994, o cardeal Joachim Meisner, de Colônia, e o definidor geral Ulrich Dobhan, OCD, numa carta conjunta, solicitaram uma cópia desta carta a Pio XI. O secretário de Estado escreveu, por intermédio de seu substituto G. B. Re, em 22/11/1994: ‘Quanto ao interesse apresentado, devo salientar que o ano do arquivo em questão [...] não está acessível. Diante disso, sou obrigado a informar, com profundo pesar, que seu pedido infelizmente não poderá ser atendido’. Considerando o que aconteceria posteriormente, é digna de nota a afirmação de Edith Stein, prevendo o futuro dos católicos na Alemanha. Manifestamente, ela havia apontado que, após a perseguição dos judeus – Edith Stein pensa também na perseguição da humanidade de Cristo –, a Igreja seria perseguida” (STEIN, 2018, p. 540, nota 14).

As normas do Carmelo previam que, antes de admitir a candidata ao noviciado, ela deveria cumprir seis meses de postulando ou período de discernimento e adaptação. Assim, em 15 de abril de 1934, Edith Stein começou o noviciado, recebendo o hábito. Ela própria escolherá o nome de uma religiosa por quem se chamará depois: Irmã Teresa Benedita da Cruz. Certamente, um nome que expressa sua vocação e missão no Carmelo. Numa carta a Petra Brüning, datada de 9 de dezembro de 1938, Edith Stein escreve: “Preciso lhe dizer que meu nome religioso já o carregava como postulante na casa. Recebi-o tal como o solicitei. Por cruz entendo o destino do povo de Deus que já então começava a ser anunciado” (STEIN, 2004, p. 23; ZUCAL, 2006, p. 538-539).

Um dos elementos que parecem curiosos durante esse período é que Edith Stein foi capaz de continuar exercitando suas habilidades como escritora. Ela logo escreverá uma série de pequenos textos que serão publicados: uma apresentação biográfica e doutrinária sobre Santa Teresa de Jesus: *Amor com amor* (concluída em 2 de fevereiro de 1934); uma biografia sobre a nova santa do Carmelo: *Santa Teresa Margarita do Coração de Jesus* (antes de sua canonização em março de 1934); e um breve artigo apresentando a história e o carisma de Carmelo: *Sobre a história e o espírito de Carmelo* (concluído em março de 1934).

É muito importante observar como uma candidata ao Carmelo já tivesse a maestria e a capacidade de se dedicar a tais escritos. No entanto, o que mais chama a atenção é o fato de que é a própria comunidade que concede a Edith a possibilidade e o tempo necessários para escrever estes textos sobre Santa Teresa de Ávila. Com isso, rompia-se um dos estereótipos tradicionais da mulher no Carmelo e a ideia de que a comunidade não sabia como tirar proveito da capacidade de sua candidata à vida monástica. Contudo, devemos ter presente que certamente o posicionamento do Carmelo de Colônia favoreceu essa situação.

Muito poucos, mesmo entre os biógrafos, sabem que sua entrada no Carmelo de Colônia teve uma segunda motivação, não indiferente a Edith Stein. Quando ela solicitou a admissão no mosteiro, a comunidade estava preparando a fundação de um Carmelo na Silésia, coincidentemente em Breslavia, sua cidade natal. A entrada de Edith em Colônia é assumida tanto

por ela quanto pela comunidade, como a preparação necessária para depois fazer parte da nova comunidade de Breslávia. Edith escreveu numa de suas cartas a Hedwig e Theodor Conrad, em junho de 1933:

Vocês já sabem que estou indo para Colônia a um mosteiro... É algo maravilhoso. Embora talvez eu não permaneça por muito tempo em Colônia. Isso porque, a partir dali, foi projetada uma nova fundação em Breslávia, e solicitei que, de antemão, minha transferência para essa nova fundação possa ser prevista (STEIN, 2004, p. 23).

Na prática, porém, esse desejo nunca se realizou. Mas em nenhum momento a irmã Teresa Benedita da Cruz lamenta isso. Depois que recebeu o hábito, a situação muda para ela, principalmente por causa do pedido e da dispensa de realizar o que será seu grande trabalho filosófico: *Ser finito e ser eterno*, um trabalho de grande fôlego que ela terminará em 1936.

A situação social e política, no entanto, não parecia favorecer sua transferência para a nova fundação prevista para Breslávia. O regime nazista torna-se cada vez mais antissemita, especialmente em regiões onde a população judaica tinha uma maior presença e influência socioeconômica. E foi também este o caso da cidade de Breslávia.

Em 21 de abril de 1935, um ano após receber o hábito, ela fez a profissão de votos por três anos. Contudo, em nenhum momento ela fica indiferente à realidade sócio-política. Ela sofre com seu povo perseguido, solidariza-se com todos os seus membros e lamenta profundamente do caos pelo qual Hitler está governando a Alemanha. O relacionamento com sua família é, de certo modo, intensificado. Sua correspondência é um exemplo muito claro disso e isso mesmo que não tenham sido preservadas todas as cartas que ela enviava semanalmente para sua mãe (STEIN, 2004, p. 22).

O ano de 1936 possui um caráter peculiar em sua vida. Neste ano, sua grande obra *Ser finito e ser eterno* é concluída. A partir de então ela fica livre de algumas permissões especiais que a separavam do ritmo normal da vida comunitária. Em 14 de setembro, deste mesmo ano, coincidindo com o momento da renovação dos votos, morre sua mãe. Para Edith, é um sinal da grande misericórdia de Deus que acolhe todos os que o procuram com um coração sincero, independentemente de pertencerem ou não à Igreja

institucional. Pela morte da mãe também é de se presumir que sua irmã Rosa ficaria livre para realizar seu desejo, até então contido, de se tornar católica. Para comemorar esse evento, Rosa irá para Colônia, onde Edith é responsável por prepará-la ao Carmelo de maneira íntima e pessoal. Contudo, pouco antes da chegada de Rosa a Colônia, Edith precisou ser hospitalizada devido a uma grave queda em que quebrou perna e braço. Em 24 de dezembro de 1936, Rosa receberá o batismo na capela do hospital onde Edith havia sido hospitalizada e, no mesmo dia, Edith volta ao mosteiro.

Em 1937, outro grande evento parece ocupar a vida da comunidade de Colônia: a celebração do terceiro centenário de sua fundação. Por esse motivo, novamente Edith dedicará parte de seu tempo à pesquisa e à escrita. Ela auxiliará com entusiasmo Madre Teresa Renata a preparar um livro comemorativo para a fundação do mosteiro. O resultado de seus esforços, nesses meses, serão várias traduções, resumos e artigos relacionados ao Carmelo de Colônia e sua história.

O tempo para dar o passo final e tornar-se parte da comunidade tinha sido definido para 21 de abril de 1938, data em que a irmã Teresa Benedita da Cruz faria sua profissão perpétua. Será um ano de graça, mas também o ano em que ele começará a sentir e assumir o peso de sua missão de carregar a cruz em sua vida dentro do Carmelo (ZUCAL, 2006, p. 534-544). A ameaça que recai sobre o povo judeu também a afeta diretamente. Poucos dias antes de sua profissão perpétua, a situação antissemita torna-se perigosamente ameaçadora para Stein. Em 10 de abril de 1938, uma delegação do partido nazista aparece no mosteiro para que as monjas votassem lá. Edith não podia votar por ser judia e, por isso, sua presença fica evidenciada. Diante disso, Edith começa a temer que a presença de uma judia no Carmelo, em Colônia, pudesse ter consequências negativas para a comunidade.

De fato, o que até então parecia ser apenas uma ameaça, torna-se um perigo real da “Noite dos cristais”, de 9 para 10 de novembro de 1938 (STEIN, 2018, p. 515). Foi então que Edith solicitou sua transferência aos superiores. Sua ideia era de migrar para um Carmelo na Palestina ou mesmo para alguma instituição na América do Sul (STEIN, 2018, p. 543-544), mas os superiores previam que, mais cedo ou mais tarde, a situação melhoraria e ela poderia permanecer em Colônia. Portanto, não era necessário ir para tão longe ou

considerar uma transferência. Assim, ela decidiu mudar-se para o Carmelo de Echt, na Holanda, que era uma fundação de Carmelo de Colônia, e onde as monjas já haviam encontrado refúgio durante a proclamação da *Kulturkampf* (1875)². A data escolhida para sua viagem: 31 de dezembro de 1938, um dia estratégico, a fim de evitar problemas sérios na passagem da fronteira.

A nova comunidade acolhe-a com grande entusiasmo. O ambiente era bastante diferente do Carmelo de Colônia. Echt era uma cidadezinha tranquila e acolhedora. Numericamente, a comunidade era menor. Na comunidade havia um pequeno grupo de irmãs libanesas, que em Colônia não havia. Também a formação cultural e intelectual da comunidade parecia ser mais modesta. Mas isso, longe de ser um obstáculo, favoreceu a integração da Irmã Teresa Benedita, a quem foram solicitados serviços contínuos mais adaptados à sua formação espiritual e teológica, tornando-se professora e continuando a escrever sobre temas de mística e espiritualidade carmelita.

Além disso, desde o primeiro momento, Edith sente-se totalmente integrada e fará todos os esforços possíveis para harmonizar e servir sua nova comunidade, tanto em serviços intelectuais quanto nos serviços mais humildes e domésticos como, por exemplo, sendo enfermeira e formadora. Contudo, depois de certo tempo, ela perde total integração legal à comunidade do Carmelo de Echt.

No entanto, ela nunca perderia de vista sua missão: interceder por seu povo e por todas as pessoas. Seu olhar aguçado percebe o grande perigo que paira sobre a Europa e se “consagra” para evitar uma Segunda Guerra Mundial. No dia 26 de março de 1939, Domingo de Páscoa, Edith escreve seu *Texto da consagração*, de 1939:

² A este respeito, podemos encontrar maiores detalhes e informações nesta passagem de Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos: “Em Echt, uma pequena cidade da província holandesa de Limburgo, há um mosteiro carmelita desde a época da Luta pela Cultura (*Kulturkampf*, movimento anticlerical do século XIX, iniciado por Otto von Bismarck). Esse mosteiro era formado principalmente por monjas alemãs. Em 1875, a comunidade de Colônia tinha se mudado para lá. Quando a perseguição aos judeus foi intensificada na Alemanha do Terceiro Reich (principalmente na ‘Noite dos cristais’, em 09/11/1938), Edith Stein, preocupada com o perigo que sua presença poderia significar para o seu mosteiro, pediu para ser transferida. Assim, a partir da noite de 31 de dezembro de 1938, ela já se encontrava no Carmelo de Echt. Levou consigo seus livros e seus manuscritos, mas não os apontamentos de A vida de uma família judia. Um missionário da Congregação de Mariannahill, Rhabanus Laubenthal (05/12/1905 – 11/05/1980), levou-os para Echt em fevereiro de 1939 (STEIN, 2018, p. 515, nota 6).

† Querida Madre, peço que V.R. permita oferecer-me ao Coração de Jesus como sacrifício de expiação para a verdadeira paz: se possível, que a dominação do Anticristo se desfaça antes de uma nova guerra mundial e que uma nova ordem possa ser construída. Eu quero fazer isso hoje, porque é a décima segunda hora. Eu sei que eu sou um nada, mas Jesus o quer, e ele, nestes dias, certamente irá chamar muitos outros a fazer o mesmo. Domingo da Paixão, 26/03/1939 † (STEIN, 2018, p. 575-576; STEIN, 2004, p. 27).

Essas linhas de “consagração” em forma de pedido dão-nos uma dimensão do que se passa no mais íntimo de Edith Stein, profundamente preocupada com a situação que está se armando na Europa mediante a ameaça eminente de uma nova guerra mundial. Seu senso de solidariedade no Carmelo intensifica-se com o passar do tempo. Não é mais apenas sobre o seu povo, mas por toda a humanidade que ela intercede (STEIN, 2018, p. 540).

Numa carta para Petra Brüning, de 31 de outubro de 1938, ela escrevera:

Confio... que o Senhor aceitou minha vida por todos. Por vezes penso na rainha Ester, que justamente por isso foi tirada de seu povo, a fim de interceder por ele perante o rei. Eu sou uma pobre, indefesa e pequena Ester, mas o Rei que me escolheu é imensamente grande e misericordioso. Isso é um grande consolo (STEIN, 2004, p. 28).

Podemos perceber que Edith Stein manifesta uma consciência cada vez mais evidente de sua missão com a qual ela se sente plenamente identificada. Outro texto autobiográfico dos últimos anos de vida de Edith Stein foi escrito seis meses após sua chegada em Echt, que se encerra assim:

Agradeço de todo o meu coração, acima de tudo, às minhas superiores e a todas as minhas queridas irmãs pelo amor com que me receberam e por todo o bem com que fui agraciada nesta casa.

Aceito, desde agora, a morte que Deus me reservou, em perfeita submissão à sua santa vontade e com alegria. Peço ao Senhor que Ele possa receber minha vida e morte para a sua honra e glória, por todas as intenções dos Sagrados Corações de Jesus e Maria e da Santa Igreja, em particular para a conservação, santificação e realização da nossa sagrada Ordem, especialmente os Carmelos de Colônia e de Echt, em expiação pela incredulidade do povo judeu e a fim de que o Senhor seja recebido pelos seus, para que o seu Reino venha, pela salvação da Alemanha e pela paz do mundo e, finalmente, pelos meus familiares, tanto os vivos como os falecidos, e todos que Deus me deu, para que nenhum deles se perca.

Sexta-feira da Oitava de *Corpus Christi*, 9 de junho de 1939, no sétimo dia de meu retiro espiritual.

In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.

Irmã Teresia Benedicta a Cruce, OCD. (STEIN, 2018, p. 578-579)³.

Conforme já mencionado anteriormente, sua presença em Echt também atrairá sua irmã Rosa, que lá chega em 1 de julho de 1939. Rosa também se sentirá chamada a entrar no mosteiro, embora, no início, ela apenas se professasse na Ordem Terceira do Carmo. Com o passar do tempo, a situação, inicialmente calma, torna-se ameaçadora para as duas monjas de origem judaica. Em 39 de setembro, começou a Segunda Guerra Mundial e, em 10 de maio de 1940, a Alemanha invadiu a Holanda. Até então, grande parte dos familiares mais imediatos de Edith conseguira deixar a Alemanha, exceto sua irmã Frieda e seu irmão Paul. Em 1942, estes eram levados com suas famílias ao campo de concentração de Theresienstadt.

A invasão da Holanda leva as irmãs Stein a iniciar os procedimentos necessários para deixar o país, uma vez que o regime nazista impusera suas leis antissemitas onde quer que os judeus estivessem. Os procedimentos são lentos e Edith não quer sair desacompanhada de sua irmã Rosa, para quem não era tão fácil encontrar um lugar. O mosteiro de Le Páquier, na Suíça, estava disposto a receber Edith. Mas a documentação necessária não seria formalizada antes que a prisão delas ocorresse.

No meio dessa situação de ameaça real, de preocupação com seu povo, com a guerra, com sua comunidade, Edith ficará no Carmelo ocupada escrevendo duas de suas grandes obras de mística e espiritualidade: uma obra sobre Dionísio, o Areopagita, e um livro amplo sobre São João da Cruz — que será seu último trabalho escrito — e cujo título é mais do que significativo: *A ciência da cruz* (STEIN, 2014; ZUCAL, 2006, p. 527-544).

Bastante notório é que os escritos mais místicos de Edith tenham sido escritos quando a situação social, política e pessoal se tornara mais difícil. E, apesar de tudo, em nenhum momento é descoberta essa possível tensão. Esses estudos lhe dão a oportunidade de aprofundar o sentido autêntico da experiência de Deus e o mistério redentor da cruz que ela já havia vislumbrado (ZUCAL, 2006, p. 534-539).

³ O Testamento, de 1939, “foi escrito com tinta em papel branco e está guardado nos documentos pessoais de Edith Stein no Carmelo de Colônia (A 55)” (STEIN, 2018, p. 577).

Em abril de 1942, as duas monjas são registradas pela Gestapo. Em 24 de julho, uma Carta Pastoral do bispado denunciando a deportação de judeus é publicada em todas as igrejas católicas holandesas. A resposta nazista não demora muito e três dias depois o comissário Seyss-Inquart ordena que os judeus-católicos sejam presos. Em 2 de agosto, Edith e Rosa são retiradas de seu mosteiro e levadas para o campo de concentração holandês em Westerbork, passando por Amesfoort. Em 7 de agosto, elas são deportadas para Auschwitz-Birkenau. Elas chegam ali em 9 de agosto, onde passam diretamente para a câmara de gás (STEIN, 2004, p. 28).

Como é hoje em dia muito conhecido, a história póstuma sobre Edith Stein foi profundamente marcada pelo crescente interesse em torno de sua pessoa e cujo processo culminou em dois acontecimentos importantes: no dia 1 de maio de 1987, ela foi beatificada por João Paulo II, em Colônia e, a 11 de outubro de 1998, foi canonizada pelo mesmo Papa, sob o nome de Santa Teresa Benedita da Cruz. No dia 1 de outubro de 1999, o Papa João Paulo II, numa carta apostólica em forma de *motu proprio* intitulado “*Spes aedificandi*”, proclamou Santa Teresa Benedita da Cruz, juntamente com Santa Brígida da Suécia e Santa Catarina de Siena, copadroeira da Europa pelo particular contributo cristão que ela outorgou não só à Igreja Católica, mas especialmente à mesma sociedade europeia através do seu pensamento filosófico.

A modo de conclusão

No que foi possível acompanhar até aqui, podemos perceber evidências claras da profunda riqueza interior que de Edith Stein, de maneira muito singular, carregava em si. Certamente, não é possível ou pretender aprofundar toda a sua experiência pessoal, espiritual e mística desta pessoa muito singular. Contudo, a modo de conclusão, gostaríamos de apresentar ainda alguns pontos.

Edith era uma mulher que nunca tomava uma decisão importante de maneira precipitada. Ela estudava, valorizava e, acima de tudo, esperava que um impulso interior, superior a qualquer raciocínio, guiasse sua decisão. A própria conversão é certamente fruto da observação e abertura objetiva aos

fenômenos, mas é principalmente devido a uma experiência direta e íntima de Deus — e bem notório que aqui encontramos-nos no ano de 1918. Uma experiência que se qualificará antes e depois de sua conversão ao catolicismo no ano de 1922. A religiosidade de Edith é uma realidade relacional e, portanto, profundamente experimental. O encontro com Deus próximo, misericordioso, sempre presente e vivificante é o que marcará sua vida cristã a partir de então (KIRCHNER, 2014, p. 182-185).

Para a irmã Teresa Benedita da Cruz, continua sendo um desafio fundamental a compreensão do ser humano: um elemento necessário para resgatar sua dignidade e promover os valores que o personalizam. Trata-se de um elemento que sempre aparece implícito em todos os seus escritos espirituais, embora não faça neles um desenvolvimento explícito do que implica e significa o pleno desenvolvimento da pessoa humana em todas as suas dimensões. É por isso que descobriremos que nos escritos publicados postumamente o alcance de sua antropologia teológica e a antropologia espiritual e mística⁴.

Angela Ales Bello, num texto intitulado “Edith Stein: Filosofia e cristianismo”, publicado no livro *Deus na filosofia do século XX*, escreve logo de saída:

Ao enfrentar a questão da relação entre filosofia e cristianismo em E. Stein (1891-1942), não é possível prescindir de algumas notas biográficas acerca de sua formação cultural e de sua vida espiritual; as suas posições filosóficas estão ligadas, de fato, a algumas profundas experiências intelectuais e religiosas (ALES BELLO, 2012, p. 313).

A dinâmica de doação e de entrega que Edith Stein nos ensina tem muito a ver com todo o processo de sua vida. Na mesma linha que seus mestres místicos, ela defende a necessidade de aprofundar seu próprio conhecimento como fundamento de todo o processo. O verdadeiro conhecimento, por um lado, leva a pessoa a tomar consciência de sua realidade e, por outro, abre-a para a dimensão da transcendência que dificilmente descobrirá se não se

⁴ O conjunto das obras completas de Edith Stein cobre um arco amplo de temáticas muito diversas. Entre as mais conhecidas estão: *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça* (STEIN, 1999); *A ciência da cruz* (STEIN, 2014), *A estrutura da pessoa humana* (STEIN, 2002); *Ser finito e ser eterno* (STEIN, 2019).

exercitar na vida interior. Essa consciência geralmente empurra a pessoa, especialmente se for crente, a uma busca por Deus, a quem ela descobre dentro de si como um Tu, como alguém que a ama e dá sentido ao que a pessoa mesma é. Isso necessariamente provoca um movimento de doação e de entrega pessoal, de um relacionamento amigável que, se continuar sendo aprofundando, leva a pessoa a viver na certeza da presença de Deus e na segurança de saber que é sustentada por Deus. Em resumo, trata-se do reconhecimento experimental da condição de uma criatura amada e redimida por Deus em Cristo. Aqui também está o propósito de muitos dos escritos de Edith Stein e de qualquer atividade que tenha desenvolvido em sua vida.

A respeito do último encontro que Edith Stein teve com sua mãe, que está no texto autobiográfico *Como cheguei ao Carmelo de Colônia*, podemos talvez ter uma noção do que mãe e filha compartilharam num diálogo muito singular de suas existências e, com estas duas passagens, gostaríamos de deixar repercutir o que e como as palavras por si só expressam:

No primeiro domingo de setembro, eu estava com minha mãe sozinha em casa. Ela se sentou com seu tricô junto à janela; eu estava perto. Repentinamente, veio a pergunta esperada: "O que você vai fazer na casa das freiras em Colônia?". "Vou viver com elas." Naquele momento, houve uma reação de desespero. Minha mãe não parou o que fazia, mas seu novelo enroscou-se todo, e ela, com as mãos trêmulas, procurava arrumá-lo. Tentei ajudá-la enquanto seguia a explicação entre nós.

A paz terminou a partir daquele momento. Um peso pareceu cair sobre toda a casa. De tempos em tempos, minha mãe tentava uma nova ofensiva, seguida sempre por um silêncio desesperador. Minha sobrinha Erika, judia praticante e a mais religiosa da família, considerava seu dever tentar influenciar-me. Os irmãos não tentaram nada, pois sabiam que seria tempo perdido. A situação piorou quando irmã Else chegou de Hamburgo, para o aniversário de minha mãe <em 4 de outubro>. Quando estava comigo, minha mãe se controlava; quando estava com Else, mostrava-se muito agitada. Logo Else me contava sobre sua agitação, pensando que eu não sabia como minha mãe se sentia (STEIN, 2018, p. 555).

O último dia que passei em casa, 12 de outubro, foi o dia do meu aniversário. Coincidiu, no calendário judaico, com fim da Festa dos Tabernáculos. Minha mãe foi à cerimônia na sinagoga do seminário rabínico. Acompanhei-a, pois desejávamos passar juntas o maior tempo possível. O professor preferido de Erika, um renomado erudito, fez uma bela homilia. Durante o caminho de volta, no bonde, mal conversamos. Para consolá-la, disse-lhe que o primeiro período seria somente um tempo de experiência. Mas de nada adiantou: "Se você assume um tempo de experiência, bem sei que conseguirá". Ela me pediu, então, que continuássemos a pé. Cerca de 45 minutos de caminhada e aos 84 anos!

Mas concordei, pois percebi que ela ainda queria conversar comigo sem ser perturbada: “A homilia foi muito bonita, não foi?” “Sim.” “Sendo judeu, também é possível ser piedoso?” “Com certeza, se não se teve a oportunidade de conhecer outra coisa!” A réplica tomou um tom desesperador: “Por que você o conheceu? Não quero dizer nada contra ele. Pode até ser que ele foi um homem muito bom. Mas por que ele se fez Deus?” (STEIN, 2018, p. 558).

Referências

- ALES BELLO, A. et al. (org.). *Fenomenologia e experiência religiosa*. Curitiba: Juruá Editora, 2020.
- ALES BELLO, A. Edith Stein (1891-1942). In: PENZO, G.; GIBELLINI, R. (org.). *Deus na filosofia do século XX*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 313-321.
- KIRCHNER, R. Traduzir ou de “onde” ler e interpretar Edith Stein em português? In: SANTOS, G.L. dos; FARIAS, M.R. (org.). *Edith Stein: a pessoa na filosofia e nas ciências humanas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- MAHFOUD, M.; MASSINI, M. (Org.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013.
- STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner; revisão técnica de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018.
- STEIN, E. *Obras Completas V: Escritos Espirituales*. Burgos: El Carnen, Espiritualidad e Monte Carmelo, 2004.
- STEIN, E. *La estructura de la persona humana*. Madri: BAC, 2002.
- STEIN, E. *A ciência da cruz*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- STEIN, E. *Teu coração deseja mais: reflexões e orações*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.
- STEIN, E. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru: Edusc, 1999.
- ZUCAL, S. (org.). *Cristo na filosofia contemporânea*. Vol. II: O século XX. São Paulo: Paulus, 2006.

RECEBIDO: 20/11/2020
APROVADO: 23/03/2021

RECEIVED: 11/20/2020
APPROVED: 03/23/2021

Anexos

Karmelweinberg
Lass uns, mein Geliebter,
in den Weinberg gehn!
Komm, am frühen Morgen
wollen still wir stehn,
ob der Weinberg blühet,
ob er Früchte treibt,
ob das Leben glühet,
frisch die Rebe bleibt.

Komm' aus Himmelshöhen,
heil'ge Mutter Du,
führe deinen Weinberg
dem Geliebten zu.
Tau und Regen spende
seine milde Hand,
warme Sonne sende
Er dem Karmelland.

Auch den kleinsten Reben,
neu erst eingesenkt,
werde Himmelsleben
gnadenvoll geschenkt.
Treue Winzer stützen
ihre schwache Kraft,
vor dem Feind sie sc,
der im Dunkeln schafft.

Heil'ge Mutter lohne
deiner Winzer Müh'.
Mit der Himmelskrone
einst erwarte sie.

Keine dieser Reben
gib dem Feuer preis,
führ' zum ew'gen Leben
jedes junge Reis.

A vinha do Carmelo
Deixe-nos, amado meu,
ir para a vinha.
Venha, de manhã cedo,
permanecer silenciosos queremos,
se a videira floresce,
se der fruto,
se a vida brilhar,
a videira permanecerá fresca.

Venha das alturas celestiais,
Tu, Mãe santa,
conduze tua vinha
para o Amado.
Orvalho e chuva conceda
tua mão suave,
Envie ele sol quente
para a terra do Carmelo.

Também para as videiras mais pequeninas,
ainda novas em sua acomodação,
seja-lhes concedida benevolentemente
vida no céu.
Ampare aos jovens viticultores
suas débeis forças,
protege-os do inimigo
que opera na escuridão.

Recompensa, Mãe santa,

o esforço de teus viticultores.
 Com a celestial coroa
 por eles um dia espera.
 Nenhuma destas videiras
 abandone ao fogo,
 conduze à vida eterna
 toda jovem cepa.

Sentenzen im Monat Juni 1940

I
 Es tritt der Herr die Kelter
 und rot ist sein Gewand.
 Er fegt mit eisernem Besen
 gewaltig über das Land.
 Er kündigt in Sturmesbrausen
 sein letztes Kommen an.
 Wir hören das mächtige Sausen –
 der Vater allein weiss das Wann.

II
 In deinem Herzen wohnt der ew'ge Frieden.
 Du möchtest ihn in alle Herzen giessen,
 Du möchtest strömend in sie überfließen,
 doch findest keinen Eingang Du hinieden.

 Sie haben für dein leises Pochen keine Ohren,
 drum musst Du mit dem schweren Hammer schlagen.
 Nach langer Nacht erst wird der Morgen tagen,
 in harten Wehen wird dein Reich geboren.

III
 Wer wird uns Führer sein aus Nacht zum Licht?
 Wie wird der Schrecken enden?

Wo trifft die Sünder das Strafgericht?
Wann wird sich das Schicksal wenden?

Der am Ölberg in blutigem Angstschweiss rang
mit dem Vater in heissem Flehen:
Er ist es, dem der Sieg gelang;
da entschied sich das Weltgeschehen.
Dort fallet nieder und betet an
und fragt nicht mehr: Wer? Wie? Wo? Wann?

Aforismas do mês de junho de 1940

I

O Senhor entra no lagar
e sua vestimenta é vermelha.
Ele varre com vassoura de ferro
poderosamente pelo país.
Ele anuncia sua última vinda
por bramidos de tormentas.
Ouvimos o poderoso zumbido –
Somente o Pai sabe o quando.

II

Em seu coração habita a paz eterna.
Tu gostarias de dá-la a todos os corações,
Tu gostarias de derramar sobre eles em torrentes,
não encontras porém entrada alguma neste mundo.

Eles não têm ouvidos para sua batida silenciosa,
por isso tu deves bater com o martelo pesado.
Somente depois de uma longa noite amanhecerá,
e com fortes dores teu Reino nascerá.

III

Quem nos guiará da noite para a luz?
Como terminará o espanto?
Onde encontra o tribunal divino os pecadores?
Quando mudará o destino?

Aquele que derramou suor de sangue
numa angustiante luta no Monte das Oliveiras
rogando intensamente ao Pai:
Foi Ele quem obteve a vitória;
Foi aí que o acontecimento mundial foi decidido.
Caíam por terra e rezem
e não mais pergunteis:
Quem? Como? Onde? Quando?